

A INTERVENÇÃO DOCENTE PARA MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA: RETRATOS DO ENSINO EM SERGIPE/BRASIL¹

Simone Paixão Rodrigues^a, Margarida Louro
Felgueiras^b & Eva Maria Siqueira Alves^c

^aPPGED/UFS /FPCEUR, ^bFPCEUP | Portugal | ^cPPGED/UFS |
Brasil

Resumo

Explicitar as próprias experiências vividas no ambiente escolar através de uma disciplina não é simples, mas é algo fascinante que nos remonta às cenas do cotidiano escolar, tendo como pano de fundo a figura do professor e do livro didático. O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar a intervenção docente no despertar da aprendizagem da disciplina de História em uma escola pública do estado de Sergipe/Brasil. Este estudo, também, busca analisar como alguns elementos da cultura material escolar que contribuem para o desenvolvimento do aprendizado do estudante. Pretende, assim, contribuir para o debate sobre a importância da figura docente como motivador da aprendizagem do aluno, especialmente para aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem. Para a produção deste trabalho priorizou-se um caminho teórico-metodológico coerente com a pesquisa histórica e com os pressupostos do ensino de história e da

¹ Parte deste texto foi apresentada como trabalho final da disciplina Tópicos Especiais de Ensino, ministrada pela Professora Doutora Eva Maria Siqueira Alves no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe no ano de 2006.

psicologia da aprendizagem. Para tanto, apropriarmos-nos da análise de fontes como livro didático, diários de classe, registros icnográficos, depoimentos de alunos e professora. A cada palavra dita pelos entrevistados visualizamos como a disciplina escolar História ganhou significância na aprendizagem discente a partir da postura do professor como interventor afetivo. O estudo das práticas docentes apresentou-se como uma entrada para a compreensão das diversas formas de ensinar e aprender e questionar, de forma quase inesperada, concessões comuns sobre a aprendizagem e sua relação com o ensino e o conjunto organizacional em que ocorre.

Palavras chave: Ensino de História, Intervenção docente, Aprendizagem.

Abstract

Explain its own experiences in the school environment through a discipline is not easy, but it is something fascinating that send us back in the past of everyday scenes, having as background the figure of the teacher and the textbook. This study aims to present the teaching intervention that conducted the learning process in the discipline of History in a public school in the state of Sergipe / Brazil. This study also aims to analyze how some elements of school material culture contribute to the development of student learning. Thus seeks to add to the debate about the importance of the teacher as a motivator of student learning, especially for those who have learning difficulties. For the production of this work the priority was laid on a coherent theoretical and methodological approach to historical research and the assumptions of teaching History and Psychology of learning. Therefore, we got hold of the analysis of sources such as textbooks, school attendance sheet, iconography records, testimonials from students and teacher. Every word spoken by respondents pictured how school discipline of History gained significance in student learning from the posture of the teacher as affective interventor. The study of teaching practices presented itself as an input to the understanding of the various forms of teaching and learning, and allowed to realize common concessions on learning and its relation to teaching and organizational and educational set in which occurs.

Keywords: History teaching, Teaching intervention, Learning.

1. Palavras Iniciais

Transpor os momentos da descoberta do saber, os exercícios, as avaliações, as brincadeiras, a alegria, o susto, o medo, a segurança e a insegurança, que estavam adormecidos na memória, para o espaço das palavras escritas não é tarefa fácil. Explicitar as próprias experiências vividas no ambiente escolar por meio de uma disciplina é algo fascinante que nos remonta às cenas do cotidiano escolar, tendo como pano de fundo a figura do professor e do livro didático.

O que leva o aluno a gostar de uma disciplina escolar? O que é necessário para aprender um conteúdo? Talvez estes sejam os dois principais questionamentos que residem nas discussões pedagógicas. Comumente ouvimos declarações que o aluno aprende melhor e mais depressa, se houver interesse pelo que está sendo ensinado. Estudos de Vygotsky (2001), Piaget (1997) e Ausebel (1982) vêm demonstrando os fatores que contribuem significativamente para a obtenção do êxito escolar.

Vygotsky (2001) defende a ideia de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. Seus estudos revelam que as atividades cognitivas básicas do indivíduo desenvolvem-se de acordo com sua história social e são resultados das atividades praticadas conforme os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve (Vygotsky, 2001). Segundo o pensamento de Vygotsky, na construção do conhecimento dentro do processo de ensino e aprendizagem o elemento social ocupa um lugar de realce, no qual a partir da relação do indivíduo com o mundo ocorre a aprendizagem. Vygotsky (2003) esclarece que a criança realiza atividades independentes conforme o meio em que está inserido e possui a capacidade de aprender por meio de interação com outro. "Por isso, o professor desempenha um papel ativo no processo de educação: modelar, cortar, dividir e entalhar os elementos do meio para que estes realizem o objetivo buscado" (Vygotsky, 2003, p.79).

Por esse entendimento, é perceptível que a intervenção docente na aprendizagem do aluno é um dos fatores de maior significância, apontado e legitimado dentro dos debates sobre ensino-aprendizagem nos espaços escolares.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo principal apresentar a intervenção docente no despertar da aprendizagem da disciplina de História em uma escola pública do estado de Sergipe/Brasil. Este estu-

do, também, busca analisar como alguns elementos da cultura material escolar contribuem para o desenvolvimento do aprendizado do estudante. De acordo com Felgueiras (2010):

“A cultura material escolar revela uma civilização que cria a escola e ao mesmo tempo a sociedade que é criada pela escola [...] Os objetos possuem um pouco da nossa alma, pois estruturam as nossas vidas e estão impregnados das significações e de afectos, que nos constituem como pessoas. Sem cair no particularismo e sem perder o alcance interpretativo e compreensivo, que é o projecto do conhecimento histórico, podem estabelecer a mediação entre a cultura pensada e a cultura vivida, alargando o campo interpretativo e ajudando a ultrapassar a dialética do discurso para surpreender o sujeito na sua quotidianidade” (Felgueiras, 2010, p.31).

Para a produção deste trabalho priorizou-se um caminho teórico-metodológico coerente com a pesquisa histórica e com os pressupostos do ensino de História e da Psicologia da Aprendizagem. Para tanto, apropriámo-nos da análise de fontes como livro didático, diários de classe, registros icnográficos, depoimentos de alunos e professora². A investigação a partir destas fontes buscou responder três questionamentos: Qual o papel da figura docente frente ao desenvolvimento da aprendizagem de alunos, por vezes apáticos a determinadas disciplinas escolares? Como os alunos se apropriam das práticas de ensino como ferramenta de aprendizagem? Qual a importância do livro didático, elemento da cultura material escolar, no aprendizado do educando? O presente estudo pretende, assim, contribuir para o debate sobre a importância da figura docente como motivador da aprendizagem do aluno, especialmente para aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem.

A figura do professor é identificada como uma das mais relevantes dentro do processo de ensino aprendizagem, e configura-se como responsável pelo bom desempenho do aluno. A partir da sua base de conhecimentos específicos e pedagógicos é-lhe atribuído o poder de envolver o aluno na aula. Os estudos de Tardif (2002) revelam que “ao entrar em sala de aula, o professor penetra em um ambiente de trabalho construído de interação humana” (Tardif, 2002, p. 118).

² Para este trabalho optamos preservar os verdadeiros nomes dos depoimentos. Deste modo, os entrevistados foram identificados por letras alfabéticas maiúsculas.

É a presença do docente na sala de aula que viabiliza uma certa forma de diálogo, em que os atores estão inseridos num espaço escolar, simultaneamente físico e social. Neste momento a aprendizagem do discente toma corpo dentro do processo de interação que se estabelece, na qual a ação pedagógica do docente atua como um organizador de um ambiente capaz de propor e despertar o interesse do aluno.

A ação pedagógica contribui significativamente para a compreensão das relações de aprendizagem pertencentes ao universo de uma disciplina escolar. É importante considerar que o processo de investigação de um componente curricular na sua relação com o aluno exige a sua compreensão por meio da escola, do professor, do diretor, dos funcionários, do livro didático, dos conteúdos, dos exercícios e das provas (Chervel, 1990).

As finalidades de uma disciplina escolar estão inseridas no universo da cultura escolar presente em uma instituição educativa. A investigação da intervenção docente na aprendizagem e no despertar do interesse do discente por uma disciplina escolar carece sopesar que os elementos externos e internos se entrelacem e dêem forma aos conhecimentos ensinados. Nesse sentido, na tentativa de contribuir para o desenvolvimento dos estudos sobre a importância docente na aprendizagem do discente, o presente texto tendo as memórias estudantis como principais fontes, busca não só apresentar a intervenção do professor como elemento fundamental no despertar do interesse discente pela disciplina escolar de História, mas constituir um diálogo entre o passado e o presente dos alunos de outrora, que agora concludentes dos estudos da educação básica apresentam compreensão do que foi ensinado e aprendido.

Neste trabalho apresentaremos as memórias estudantis dos alunos da 4ª série do ensino de 1º grau da Escola Estadual Cleonice Soares Fonseca, escola pública da cidade de Boquim/Sergipe/Brasil do ano de 1988. A opção por buscar dados da pesquisa com um grupo de alunos que estudaram há quase três décadas deu-se devido à necessidade de compreender como temáticas tão atuais no universo da educação apresentavam-se e eram enfrentadas no passado. Ao entrevistarmos os ex-alunos, atualmente adultos, foi possível perceber a importância da figura docente para o desenvolvimento de competências e habilidades para a vida adulta. As entrevistas orais produziram narrativas de memórias individuais e coletivas. Estas revelaram as identidades de um grupo de alunos que por meio da oralidade

mostrou concepções de si mesmo, do outro, da coletividade e do mundo.

O uso das fontes orais neste texto considerou alguns aportes da metodologia da história oral³ definida como “testemunhos oculares dos eventos passados, visando a construção histórica” (Grelle, 1996, p.10). Neste sentido, nossas fontes orais, apresentam a capacidade de não só conhecer os fatos, mas, principalmente, analisar e apresentar como o depoente ou grupo os vivenciou e percebeu.

Nora (1993) define a memória como coletiva e como um lugar do presente eterno, no qual as lembranças e o esquecimento dialogam com a história de um tempo sentido e vivido. Os depoimentos coletados demonstraram traços de uma relação de ensino e aprendizagem marcada por confiança, admiração, respeito, entusiasmo e curiosidade de aprender. Buscamos assim manter uma comunicação com o cotidiano escolar de outrora, no qual as dificuldades de aprendizagem foram superadas por meio da intervenção docente que se concretava dentro de um processo de mediação e interação. Neste momento focaremos a presença da figura do professor dentro do processo de ensino-aprendizagem e, especialmente, no acordar discente pelos estudos da disciplina escolar de História, discutindo a intervenção docente na motivação para a aprendizagem da disciplina.

2. Memórias Estudantis sobre a Disciplina de História

A disciplina investigada – História – compunha a grade curricular da 4ª série do 1º grau da Escola Estadual Cleonice Soares Fonseca no ano de 1988, atual Colégio Estadual Cleonice Soares Fonseca. Esta é uma instituição pública de ensino, fundada no dia 31 de maio de 1982, na gestão administrativa do governador do estado de Sergipe, Djenal Tavares de Queiroz. O início das atividades da instituição deu-se dois anos após a sua fundação ofertando apenas as séries iniciais do 1º grau.

³ “História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para seu uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas” (Meihy, 1998, p. 24).

De acordo com a lei nº 5.692 de 1971, promulgada com o objetivo de reestruturar os níveis de ensino da educação brasileira, regulamentava que o ensino primário e médio passava a ser denominado como ensino de 1º grau e 2º graus⁴. O ensino de 1º grau destinava-se à formação da criança e do pré-adolescente no período de oito anos letivos e compreendia, anualmente, pelo menos 720 horas de atividades. A cada ano era implantada uma nova série dentro desta modalidade de ensino.

No ano de 1988, a escola passou a funcionar com turmas da 1ª a 8ª séries do 1º grau. A Resolução nº. 8 de 10 de dezembro de 1971 do Conselho Federal de Educação estabeleceu as matérias que formavam o núcleo comum e as disciplinas obrigatórias das matérias fixadas no ensino de 1º e 2º grau. De acordo com essa Resolução, o núcleo-comum a ser incluído, obrigatoriamente, nos currículos plenos do ensino de 1º e 2º graus abrangia as seguintes matérias: Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências. Para efeito da obrigatoriedade atribuída ao núcleo comum, incluíam-se os conteúdos específicos das matérias fixadas: na Comunicação e Expressão – Língua Portuguesa; nos Estudos Sociais – a Geografia, a História e a Organização Social e Política do Brasil; nas Ciências – a Matemática e as Ciências Físicas e Biológicas.

Em 1988, a Escola de 1º grau Cleonice Soares Fonseca registrou uma matrícula de 486 alunos distribuídos em 26 turmas do 1º grau. A maioria dos alunos matriculados era oriunda da zona rural da cidade e era filho de lavradores e comerciantes de laranja. As aulas ocorriam nos turnos matutino, vespertino e noturno, sendo que naquele turno funcionavam apenas as três primeiras séries iniciais do 1º grau. Ainda no ano de 1988, a escola estava sob a direção da professora Maria Alves de Menezes, conhecida como Dona Miriam. Segundo os depoimentos recolhidos juntos aos alunos, a diretora era temida por todos, por ter muita seriedade frente às exigências disciplinares e aos cumprimentos dos horários.

Nas falas dos entrevistados foi possível percebermos como a diretora

⁴ Atualmente de acordo Art. 21da Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil, a educação escolar compõe-se de: educação básica que é formada pela educação infantil, ensino fundamental (abrangendo do 1º ao 9º ano) e ensino médio (abrangendo da 1ª série a 3ª série). E educação superior. Segundo o Art. 22 da referida lei, a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

da escola ocupou um lugar marcante na memória estudantil. Quando os mesmos foram questionados sobre a figura da direção da escola, as palavras iniciais eram apresentadas por adjetivos tais como: temida, comprometida, durona e responsável. Muitos dos depoentes revelaram que o semblante da diretora expressava que era uma senhora de poucas palavras e com pouca paciência para a indisciplina e até mesmo, resistente as brincadeiras de alunos. A respeito dessa postura rígida, revelou a aluna "A" que a diretora da escola:

"Era uma senhora de estatura alta, magra com uma 'cara de má'. Tinha aproximadamente 50 anos de idade, mas nunca tinha sido casada, por isso os alunos viviam 'dando-lhe' namorados" (Aluna A, 2006)⁵.

A 4ª série do 1º grau dividia-se em duas turmas que funcionavam durante o turno vespertino, mas aqui nos deteremos apenas a uma turma "A", por ser esta ministrada pela professora e pelos alunos aqui entrevistados. Composta por 30 alunos, sendo 17 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com uma faixa etária que abrangia entre 10 a 15 anos, a 4ª série turma A ocupava uma sala de aula espaçosa e bem ventilada e, por ser a segunda sala próxima da diretoria, era extremamente vigiada por todo corpo administrativo da escola. Os depoentes revelaram que na maioria dos dias era insuportável a sensação de eterna vigilância e que os próprios professores também reclamavam dessa vigilância que rodeava a sala. "Por vezes não era possível nem realizar uma dinâmica devido ao receio dos alunos fazerem muito barulho e conseqüentemente chamar a atenção da direção escolar" (Professora A, 2006)⁶.

Atendendo às exigências da lei nº 5692 de 1971, a grade curricular era composta pelas disciplinas: Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Higiene, Religião, Educação Moral e Cívica, Educação Artística e Educação Física. Cada uma das disciplinas citadas era ministrada por diferentes professores. A disciplina História possuía uma carga horária anual de 72 aulas, sendo dividida em 2 aulas semanais de 90 minutos, ministradas pela professora "M", que possuía a formação mínima de habilitação específica para magistério, que era na época o 2.º grau, de 3 anos, modalidade magistério. Ao todo a professora possuía uma escolaridade de 11 anos⁷.

⁵ Entrevista concedida em 10 de novembro de 2006.

⁶ Entrevista concedida em 08 de novembro de 2006.

⁷ De acordo com o Art. 29 da lei 5692 de 1971 a "formação de professores e es-

As aulas de História apresentaram-se nas falas dos depoentes marcadas pelo forte uso do quadro negro, do livro didático e pela postura didática da professora, sendo esta lembrada pela forma de explicar os conteúdos. Segundo os alunos, os momentos de exposição dos conteúdos eram os mais divertidos das aulas devido às comparações que a professora fazia com eles e com os agentes da História. Comentou a aluna "C" que:

"a professora quando trabalhava os conteúdos de História do Brasil fazia comparações com os alunos, chegando a nos chamar pelo nome de Cabral, D. Pedro, Princesa Izabel e outros. Era muito engraçado e muito bom, pois na hora de estudar para prova, eu costumava associar meus colegas aos nomes que tinha que responder nas provas" (Aluna C, 2006)⁸.

A forma como a professora explicava o conteúdo, não só chamava atenção do aluno, como também, permitia que eles interagissem e aprendessem de forma mais rápida e fácil. A brincadeira de comparações não só era engraçada, mas didática e os alunos passavam a gostar da disciplina, porque era um momento de aprendizagem marcado pela interação e diversão.

Além das comparações feitas pela professora como uma forma de chamar a atenção dos alunos, o livro didático adotado na turma foi muito presente na memória dos ex-alunos⁹. Cada entrevistado ao falar do livro utilizado expressava alguma lembrança da sua materialidade, sendo que o seu formato apresentou-se como a mais recorrente. Por ser mais largo do que comprado, ou seja, no formato paisagem, o livro de História distinguia-se dos demais.

O livro didático adotado era um livro de Estudos Sociais foi editado pela editora Ática, sendo intitulado "Mundo Mágico" e tinha como autoras, Erdna Perugine e Manuela Diogo Vallone. Segundo Bittencourt (2004):

pecialistas para o ensino de 1º e 2º graus será feita em níveis que se elevem progressivamente, ajustando-se as diferenças culturais de cada região do País, e com orientação que atenda aos objetivos específicos de cada grau, às características das disciplinas, áreas de estudo ou atividades e às fases de desenvolvimento dos educandos. Art. 30. Exigir-se-á como formação mínima para o exercício do magistério: a) no ensino de 1º grau, da 1ª à 4ª séries, habilitação específica de 2º grau" (Lei 5.692/ 1971).

⁸ Entrevista concedida em 10 de novembro de 2006.

⁹ Bittencourt (2003) alerta que ao pesquisar uma disciplina escolar o pesquisador recorre a uma diversidade de fontes, sendo que o livro didático tem um destaque especial. A autora afirma que "[...] Os livros didáticos têm se constituído uma das fontes privilegiadas para estudos sobre os conteúdos escolares e pode-se, inclusive, identificar pesquisas que se interligam, realizando uma história das disciplinas e, ao mesmo tempo, a do livro didático" (Bittencourt, 2003, p. 32).

“Os Estudos Sociais foram adotados em algumas escolas, denominadas ‘experimentais’ ou ‘vocacionais’, no decorrer da década de 60, e, depois da reforma educacional na fase da ditadura militar, pela Lei 5.692 de agosto de 1971, a área foi introduzida em todo o sistema de ensino – o qual passou a se chamar de primeiro grau –, estendendo para as demais séries do antigo ginásio” (Bittencourt, 2004, p. 72).

Por ser um livro integrado, composto pelos conteúdos de Geografia, História, Ciências e Programas de Saúde, possuía uma espessura de cerca de 2 cm, sendo a sua capa de cor azul, ilustrada com imagens de crianças, família, do planeta Terra e da natureza. A partir destas ilustrações era possível perceber quais os conteúdos que seriam abordados e as quais disciplinas o livro pertencia.

Figura 1. Livro Mundo Mágico

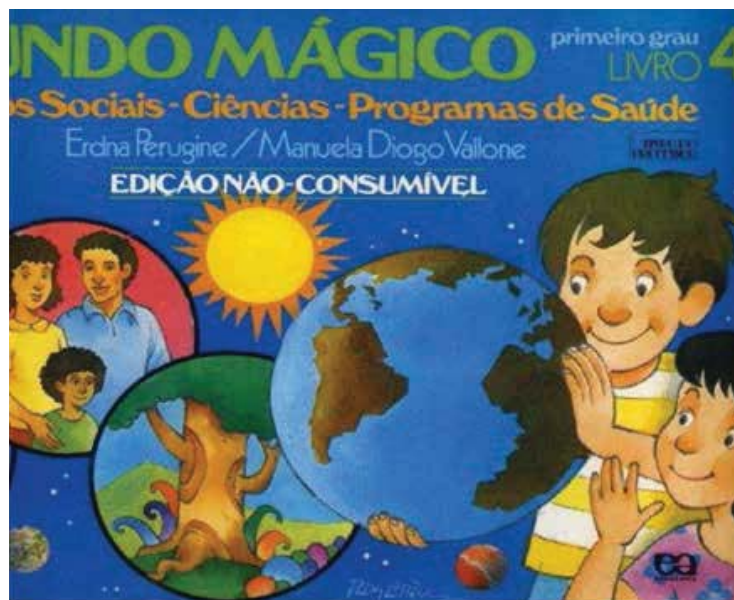


Figura 1. Imagem do livro de Estudos Sociais - “Mundo Mágico” – Autoras: Erdna Perugine e Manuela Diogo Vallone. Publicação Editora Ática. O livro pertence ao acervo da Escola Estadual Cleonice Soares Fonseca.

No tocante aos conteúdos de História presentes no sumário do livro eram trabalhados apenas os referentes à história do Brasil de 1500 a 1945, ou seja, da chegada dos portugueses ao Brasil à Era Vargas. Os conteúdos eram: Os períodos da história do Brasil; Como começou a História do Brasil; O descobrimento do Brasil; Os primeiros habitantes da nossa terra; As primeiras expedições; O rei de Portugal resolveu colonizar o Brasil; As capitanias hereditárias; O governo-geral; As invasões holandesas; A expansão do nosso território: entradas e bandeiras; A mineração; A criação de gado; Os brasileiros revoltaram-se; A família real veio morar no Brasil; A independência do Brasil; O primeiro reinado; O governo de regências; O segundo reinado; O Brasil progrediu muito; O café; Chegaram os imigrantes; A libertação dos escravos; A proclamação da República; Os governos republicanos.

Sobre os conteúdos como componentes necessários para o estudo de uma disciplina escolar, Chervel (1990) destacou que:

“Dos diversos componentes de uma disciplina escolar, o primeiro na ordem cronológica, senão na ordem de importância, é a exposição pelo professor ou pelo manual de um conteúdo de conhecimentos. É esse componente que chama prioritariamente a atenção, pois é ele que a distingue de todas as modalidades não escolares de aprendizagem, as de família ou da sociedade. Para cada uma das disciplinas, o peso específico desse conteúdo explícito constitui uma variável histórica cujo estudo deve ter um papel privilegiado na história das disciplinas escolares” (Chervel, 1990, p. 202).

De fato, o estudo dos conteúdos da disciplina de História ministrados pela professora permitiu compreender muito além da significância que esses ocupavam no currículo escolar, pois foi perceptível a relação com a formação dos alunos. Ao falarem sobre a importância de ter estudado História, os depoentes revelaram que por meio dos conteúdos ensinados, eles não só aprenderam mais sobre o Brasil, mas, principalmente, aprenderam a respeitar e amar o seu país. É evidente que a exposição desses conteúdos atendia um dos principais objetivos do ensino de História que era contribuir para a constituição da identidade nacional.

Um outro documento utilizado nessa análise foi o diário de classe que revelou durante o mês de fevereiro e de março do ano de 1988 foram ministradas aulas explicativas sobre a história de Sergipe, sendo que estes conteúdos não estavam presentes no programa do livro didático adotado. O que demonstra que a professora recorria a outros materiais didáticos para ministrar suas aulas sobre a história de Sergipe.

Os conteúdos trabalhados sobre História de Sergipe foram: Conquista e Colonização de Sergipe; Holandeses em Sergipe; Independência de Sergipe; Mudança da Capital; Sergipe Republicano e Os Primeiros Governadores.

As atividades do livro didático estavam organizadas no sumário com sugestões na distribuição entre os conteúdos escritos, os exercícios, pequenos resumos, cantinho de informações e um vocabulário. O cantinho de informações trazia sempre alguns dados biográficos dos agentes históricos e informações complementares.

Os diferentes hinos: Nacional Brasileiro, Independência do Brasileiro e Bandeira Nacional Brasileira estavam presentes no livro, como também algumas poesias e lendas. Tais hinos eram trabalhados durante a primeira semana do mês de setembro, obedecendo ao calendário de comemoração da "Semana da Pátria"¹⁰.

Nessas comemorações, a professora ensaiava com os alunos diversos poemas e hinos. Entre os dias 1 a 7 do mês de setembro todos os alunos eram reunidos no pátio da escola para cantarem os hinos e recitarem poesias. As falas dos alunos revelaram que a professora para fazer com que eles aprendessem o hino de forma mais rápida e eficaz exigia cópias do hino escritas à mão. Essa atividade era recebida como castigo, pois havia dias dos alunos copiarem o Hino Nacional Brasileiro, da Independência do Brasil e da Bandeira Nacional Brasileira.

"Teve um dia que quando terminei de escrever os três hinos, meus dedos ficaram dormentes. Tive que ficar abrindo e fechando os dedos para retornar aos movimentos normais. O pior é que quando cheguei em casa tive que revisar tudo aquilo. Era um sufoco! Sentia-me castigada" (Aluna A, 2006).

Os métodos de exposição das aulas adotados pela professora marcaram negativamente a memória dos alunos. Dirigindo suas aulas sob a luz do livro didático escrito dentro de uma proposta metodológica marcada pelas narrações da história factual, evidenciando sempre os grandes heróis e as datas comemorativas, a professora buscava dinamizar as aulas envolvendo os alunos com leituras em grupos, perguntas descontraídas e explorando as ilustrações coloridas de cada conteúdo.

¹⁰ Na primeira semana do mês de setembro eram realizadas diversas homenagens ao dia da Independência do Brasil.

O texto o "Descobrimento do Brasil" era um dos mais ilustrado, especialmente no tocante à carta de Pero Vaz de Caminha enviada ao rei de Portugal, D. Manuel. A carta é um documento manuscrito que relata a viagem da esquadra de Pedro Álvares Cabral de forma cronológica.¹¹ Os momentos vividos pela esquadra portuguesa são apresentados com ilustrações coloridas.

No tocante as atividades do livro, estas eram apresentadas de formas diversificadas, nas quais o aluno teria que responder as perguntas de três tipos: objetivas, de completar as lacunas e subjetivas. Em qualquer um dos casos todas elas eram exercícios de memória, reproduzindo sempre de acordo com o que estava escrito nos textos. Uma ex aluna deu-nos um exemplo de uma pergunta das provas em forma de completar as lacunas.

"Lembro de uma questão da prova sobre o descobrimento do Brasil. Uma das questões era de completar as lacunas: Por exemplo: No dia _____ de _____ do ano de _____ o _____ foi descoberto por Pedro _____" (Aluna C, 2006).

Dentre as avaliações aplicadas, duas delas são lembradas pelos alunos de forma especial: em uma delas os alunos teriam que escrever na íntegra o Hino Nacional Brasileiro e na outra sobre o "Descobrimento do Brasil". Nesta última, os alunos teriam que transcrever partes da carta de Pero Vaz de Caminha. E segundo os relatos dos entrevistados, os momentos de aplicação da avaliação eram inesquecíveis, pois a professora ao entrar na sala de aula tratava logo de separar os alunos mais indisciplinados dos demais, colocando-os nas primeiras carteiras das filas. Logo, após a distribuição das avaliações, a professora subia na sua mesa e ficava de pé, pois como possuía uma estatura baixa, esta era a melhor forma para vigiar e impedir que os alunos copiassem as respostas dos colegas ou das anotações registradas no caderno diário. A respeito disso nos confessou um aluno que:

¹¹ Pero Vaz de Caminha nasceu no ano de 1450 na cidade do Porto em Portugal. Sua família era descendente de antigos povoadores de Neiva, pertencente ao reinado de Dom Fernando. Trabalhou como cavaleiro das casas de Dom. Afonso V, de Dom. João II e de Dom Manuel I e como escrivão da armada do navegador Pedro Álvares Cabral. Neste trabalho redigiu a célebre carta do Descobrimento do Brasil, datada em 1º de maio, que serviu como testemunho e registro histórico da nau capitânia da armada de Cabral. A Carta de Pero Vaz de Caminha caracterizou-se como um dos documentos mais significativos que registra de forma peculiar a chegada dos portugueses no Brasil e, ficou conhecida como a certidão de nascimento do Brasil. Cf: Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, 2006.

“Ao perceber que tinha um aluno “colando” [copiando], imediatamente ela dava um grito dizendo: Pegue! Naquele momento todos os alunos ficavam paralisados e os que estavam “colando” [copiando] paravam na mesma hora e os que ainda não tinham “colado” [copiado] ficavam amedrontados” (Aluna A, 2006).

Quanto aos exercícios trabalhados em sala de aula, na sua maioria restringiam-se apenas aos exercícios do livro didático, que eram compostos por questões de completar as lacunas, questões de resposta livre (ditas subjetivas) e objetivas. Os alunos copiavam e respondiam as atividades no caderno, pois era proibido rabiscar o livro, devido ao fato do mesmo ser adotado por outros alunos no ano seguinte.

É perceptível como a figura da professora e o livro didático foram essenciais na aprendizagem das aulas de História, mesmo que estivesse subordinada a regras rígidas apresentadas pelo manual e pelo programa. A análise das falas dos entrevistados e dos diários de classe indicou que os alunos gostaram e aprenderam a disciplina de História, pois os mesmos foram a todo o momento incentivado pela professora, que intervinha recorrendo a uma postura didática, que dialogava com a necessidade do discente de aprender de forma descontraída.

3. Palavras Finais

Consciente dos ensinamentos de Chervel (1990) que nos esclarece que uma disciplina escolar é fruto de uma combinação de vários constituintes como: ensino de exposição, os exercícios, as práticas de incitação e de motivação e as avaliações, buscamos, aqui, neste texto, focar o papel do professor no despertar do aluno para a aprendizagem, apesar do rigor durante a aplicação das avaliações.

Esta primeira abordagem à investigação da disciplina História da 4ª série do 1º Grau permitiu conhecer as peculiaridades da professora, dos exercícios, das avaliações e da escola, demonstrando assim como todos estes elementos compõem a história particular de uma disciplina, dentro do universo da disciplina escolar História. Revelou a história dos saberes escolares, das práticas e, sobretudo, a importância do docente dentro do processo de ensino-aprendizagem. A afetividade e o recurso à imaginação dos alu-

nos criavam gosto, curiosidade e empatia com os conteúdos, que apareciam às crianças como algo entre o real e o fantástico.

A cada palavra dita pelos entrevistados visualizamos como a disciplina escolar História ganhou significância na aprendizagem discente a partir da postura do professor como interventor afetivo, aliado ao rigor na avaliação, que por isso mesmo a tornava importante, tornando perceptível a ação docente como intervenção essencial no acordar do interesse do aluno. Foi possível perceber como esse componente curricular ocupou um espaço privilegiado nas memórias estudantis, sendo recordada como momento de aprendizado mais alegre e encantador que eles ainda guardam na memória de forma carinhosa e prazerosa.

As práticas docentes apresentaram-se como possibilidades de compreensão das diversas formas de ensinar, aprender e questionar, e permitiram perceber concessões comuns sobre a aprendizagem e sua relação com o ensino e o conjunto organizacional e educacional em que ocorreu.

É notória como a professora assumiu um papel significante dentro do processo de ensino e aprendizagem atuando como mediador do conhecimento. A professora assumiu sua função de organizador do ambiente social, definido por Vygotsky (2003) como o fator educativo essencial e que permite situar o aluno como figura principal dentro do seu próprio processo de aprendizagem.

A intervenção docente na aprendizagem da disciplina História revelou que as exigências, códigos disciplinares, regras de convivência comuns no ambiente das salas de aula dialogavam harmoniosamente com a didática da professora, permitindo, assim, que os alunos aprendessem em clima de cumplicidade, mediação e interação.

Referências

- Ausebel, D. P. (1982). *A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes.
- Bittencourt, C. F. (2004). Disciplinas escolares: história e pesquisa. In M. A. T., Oliveira & S. M. F. Ranzi. (Orgs). *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate* (pp.9-38). Bragança Paulista: EDUSF.
- Bittencourt, C. F. (2004). *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez.
- Brasil. *Lei de Diretrizes de Bases para Ensino de 1º e 2º graus*. Lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971. Brasil, 1971.

- Brasil. *Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394 de 20 dezembro de 1996. Brasil, 1996.
- Chervel, A. (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, 2, 177-229.
- Felgueiras, M. L. (2010). Cultura escolar: da migração do conceito à sua objectivação histórica. In M. L. Felgueiras & C. E. Vieira (Orgs.). *Cultura escolar, migrações e cidadania* (pp.17-32). Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Grele, R. J (1996). Directions for Oral History in the United States, In D. K.Dunaway & W. K. Baum (Eds.). *Oral History: An Interdisciplinary Anthology*. Walnut Creek (pp. 33-35)
- Meihy, J.C.S.B (1998). *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola.
- Nora, P. (1993). *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. São Paulo: EDUC, n. 10.
- Piaget, J. (1997). *O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio*. São Paulo: Scipione.
- Saviani, D. (1987). *Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino*. São Paulo: Autores Associados.
- Tardif, M. (2002). *Saberes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.
- Vygotsky, L. S. (2003). *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed.
- Vygotsky, L. S. (2001). *Pensamento e Linguagem*. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores.